



Resenha

*Fazer festa, fazer memória**

Engender party, engender memory

Júlio César Valente Ferreira**

* Recebido em: 19.01.2019.
Aprovado em: 11.04.2019

** É doutor em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2018). Atualmente, é Professor Adjunto do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) no Departamento de Engenharia Mecânica do campus Nova Iguaçu, Líder do Grupo de Pesquisa Produção e Economia de Comunhão e Coordenador Científico do Encontro de Engenharia no Entretenimento. Email: jcvferreira@hotmail.com

FERREIRA, Júlio César Valente (org). *Festa e memória: perspectivas étnico-raciais*. Editora: Pimenta Cultura, São Paulo, 2020.

Na festa encontram-se poderosos momentos de construção de identidades e transcendência, os quais transformam a vida social em vida pública. São momentos onde se faz memória, para além de uma mera reconstrução do passado, e sim de uma ressignificação no presente. Como possibilidade de compreensão da sociedade e entendida como forma lúdica de socialização, a festa é um fenômeno gerador de imagens multiformes da vida coletiva.

A festa possibilita pensar a sociedade em seus componentes contínuos e transientes, marcados por rupturas. Isto ocorre, pois a própria sociedade se permite estabelecer regimes relacionais em momentos específicos diferentes daqueles estabelecidos em seu cânon de vínculos sociais (até o momento em que a apropriação destes regimes relacionais ocorra de forma contínua e passe a integrar seu cânon vincular).

O termo festa performa um campo enunciativo que padece de uma polissemia aguda, seus limites são de tal modo fluidos, que seu potencial pode ser, e

frequentemente o é, desgastado pelo esgarçamento de seu alcance heurístico. Como bem nota Norberto Guarinello “[...] festa é um termo vago, derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma ampla gama de situações sociais concretas. Sabemos todos, aparentemente o que é uma festa, usamos a palavra no nosso dia a dia e sentimo-nos capazes de definir se um determinado evento é, ou não, uma festa. Contudo, essa concepção quase intuitiva de festa choca-se, frequentemente, com a diversidade de interpretações de um mesmo ato coletivo: o que é festa para uns, pode não ser para outros”.” (PEREZ, 2012, p. 22)

Desta forma, entendo que a festa abarca conteúdos e formas de materialização diversa, engendrando laços de sociabilidade. Ao deslocar a festa de um território e entendendo suas possibilidades de estabelecer comunidades de sentimento (APPADURAI, 1996), a partir de sua espetacularização e transformação em fenômeno midiático, ela também se insere no campo da indústria do entretenimento (COMAROFF Y COMAROFF, 2011). De evento do âmbito da comunidade, lugar privilegiado de sua organização, pode se movimentar para o campo da cultura de massa por conta da apropriação pela lógica de mercado. Complementando este quadro, Comaroff y Comaroff (2011) também apontam que esta lógica no contexto citado anteriormente encontra-se presente em nações que



¹ As obras de Candeia Filho e Araújo (1978) e Rodrigues (1984) apontam para a necessidade de se enfrentar esta hegemonia, dialogando com a mesma. Porém, estes textos deixam claras as restritas condições de contorno que configuram este espaço de troca. Araújo (1978) não vislumbra esta possibilidade de diálogo e propõe a retomada por completo da administração das escolas de samba por seus segmentos negros.

atuam como empresas comerciais e um número crescente de empresas de marketing direcionadas a populações étnicas.

A iniciativa para organizar o livro “Festa e Memória: Perspectivas Étnico-Raciais” tem como marco zero uma nota de rodapé de minha tese de doutorado (FERREIRA, 2018), dedicada aos blocos de enredo que desfilam no carnaval da cidade do Rio de Janeiro. Para a pesquisa da tese, era de fundamental importância inserir as escolas de samba ao longo da heurística do estado da arte, devido às proximidades identitárias, organizacionais e estéticas em relação aos blocos de enredo. Ao longo deste empreendimento, chamou minha atenção um recorte temporal onde se ensaiou trazer as questões étnico-raciais para o debate sobre as escolas de samba, considerando que elas seriam lugares, ou seja, espaços socialmente produzidos, onde se instalariam processos de continuidade, salvaguarda e circulação das culturas afro-brasileiras.

Entre a segunda metade da década de 1970 e a primeira metade da década de 1980, as publicações de Araújo (1978), Candeia Filho e Araújo (1978) e Rodrigues (1984) trabalharam a questão étnico-racial nas escolas de samba do Rio de Janeiro a partir da condição de subalternidade ser a da condição do silêncio e que carece necessariamente construir ou delegar uma representação, limitando as possibilidades de resistência¹, postulando a tese de que elementos da classe média da sociedade carioca, composta por brancos em sua grande maioria, tomaram a administração e elaboração dos desfiles das classes subalternas, formadas por negros majoritariamente, os quais aceitaram em nome da própria

sobrevivência e da possibilidade de auferir capitais econômicos para a consecução de um desfile que permitisse a conquista do título da competição anual entre as agremiações.

Posteriormente, motivado por esta nota de rodapé, coordenei o grupo de trabalho “Festas, Cultura, Memória, Identidade e Relações Étnico-Raciais” no III Seminário Afirmação das Diversidades, organizado pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG), em 2018. O grupo de trabalho teve como objetivo ser um espaço aglutinador de debates sobre as festas, celebrações e expressões culturais, contemplando suas perspectivas ritualísticas e sócio-organizacionais e considerando seus sentidos dinâmicos no tempo e no espaço, a partir de construções/desconstruções identitárias étnico-raciais, onde a memória como valor disputado está inserida em um campo de lutas e de relações de poder, estabelecendo um contínuo confronto entre lembrança e esquecimento, sendo um esforço de intervenção na própria conjuntura, o qual possui intencionalidades construtivas. No universo das festas, celebrações e expressões culturais, o espaço onde elas ocorrem e a disputa por sua ocupação são elementos importantes, pois seus sentidos estão associados e suportados pelos lugares onde as mesmas ocorrem, revelando também aspectos destas manifestações sobre espetacularização, gestão e políticas públicas.

Além deste evento, colaborou no empreendimento da publicação do livro minha experiência, desde 2015, como coordenador científico do Encontro de Engenharia no Entretenimento, organizado pelo Departamento de Engenharia



Mecânica do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) do *campus* Nova Iguaçu e pelo Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Este encontro permite o debate de trabalhos que se localizam nas interfaces das engenharias com outras áreas de conhecimentos aplicadas na indústria do entretenimento, economia criativa e produção cultural, tendo como eixos norteadores as temáticas de: (i) inovação e tecnologia; (ii) gestão de empreendimentos; (iii) setor público, indústria do entretenimento e economia criativa da produção em cultura e das artes e (iv) mercados e produtos.

Por fim, também como base desta publicação faz parte meu trabalho de pesquisa, o qual tem como foco o carnaval. Ele se traduz nos projetos conduzidos a partir da linha de pesquisa “Blocos de Enredo e Escolas de Samba: Engenharia, Arte e Convivência”, considerando os aspectos culturais, econômicos, administrativos e de engenharia da festa, pois ela vai para além do ritual, para além do tempo em que ela ocorre. Desta forma, insere-se ‘(...) aquilo que tornava a festa possível, isto é, sua organização, assim como a identidade dos que a construíram e dos que dela participavam como atores.’ (QUEIROZ, 1992, p. 21). A abordagem é interdisciplinar, pois mescla o campo das ciências humanas, das ciências sociais aplicadas e das engenharias. Aliás, hoje, nossos objetos de pesquisa e sujeitos de fala demandam cada vez mais abordagens interdisciplinares.

Neste livro, cuja apresentação transcreve-se a seguir, o prisma étnico-racial possibilitou uma abordagem da festa para além do contraditório ao tempo do trabalho e da naturalização de associação entre regimes estéticos, etnia e território. Os capítulos publicados intencionam a partir da festa e da memória apontar para as questões étnico-raciais, apresentando casos em que pretendem debater os fatores políticos, econômicos, culturais e psicológicos que permitem dar conta desta emergência. As respostas variam conforme

a etnicidade seja vista como resposta cultural a um problema social ou como determinante cultural da atividade social, conforme a façamos derivar de uma necessidade econômica ou psicológica, ou se coloque o foco nos processos de atribuição ou de realização das identidades étnicas. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 84).

O livro começa com o capítulo escrito por Rachel Goulart Berto e Mariza Costa Almeida sobre a utilização das características étnicas dos produtos da Coréia do Sul e do Japão para a inserção dos países na economia internacional do entretenimento. A festa permanece como uma necessidade humana, mas espalha-se pelos territórios através do conceito de *soft power*. Neste capítulo, as autoras mostram nos casos analisados a relativização da ideia das etnicidades serem uma resistência organizada ao processo de modernização ou reivindicatórias de pertença a um lugar, desejando a expansão geográfica e a fixação de uma forma de ordem social particular, apesar da contínua mobilidade de pessoas por diversos territórios e com o suporte das tecnologias de informação.



No segundo capítulo, Valdir Jose Morigi e Luis Fernando Herbert Massoni remetem ao conceito de memória social (HALBWACHS, 2004) para abordar a realização da Oktoberfest, festa popular étnica de origem germânica, realizada em diversas cidades da região sul do país, direcionadas à preservação e revitalização do patrimônio cultural destes grupos sociais. O texto procura debater a partir da análise de discurso observável no site oficial da Oktoberfest realizada em Santa Cruz do Sul (Rio Grande do Sul) as construções dos sentidos étnicos que circulam, além dos processos de etnização engendrados pela mediação da cultura midiática, questionando o mito da homogeneidade cultural no interior do grupo étnico (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998).

O terceiro capítulo é um ensaio de Onésio Meirelles, o qual busca mostrar que, através da festa do carnaval e dos encontros dos sambistas, a figura de Zé Ketí foi de fundamental importância para a problematização étnico-racial no universo do samba carioca.

Eu sou o autor do quarto capítulo, onde trato de uma época particular para o carnaval das grandes escolas de samba do Rio de Janeiro e o movimento negro que afluía no final da década de 1970, pois neste momento histórico, entre o final da década de 1970 e início dos anos 1980, uma série de pautas foram apresentadas pelo movimento negro e seus componentes e elas foram incorporadas por membros das agremiações e traduzidas em propostas e ações para que o controle funcional e estético retornasse de fato aos segmentos negros das escolas de samba. A não efetivação dos caminhos

propostos por esta abordagem reside no fato do concurso das escolas de samba ser uma disputa altamente acirrada e que a ajuda de setores mais abastados – mesmo que isso significasse a cessão do controle das decisões das agremiações – fosse aceita sem mais questionamentos, além da não desconstrução do mito da democracia racial, ainda explorado pelas agremiações na narrativa de seus enredos, e da ideologia da compensação ao se verificar o crescimento da africanização dos componentes estéticos dos desfiles.

O quinto capítulo escrito por André Luiz Porfiro também tem como objeto as principais escolas de samba do Rio de Janeiro, ambientando sua reflexão no desfile carnavalesco de 1988, ano do centenário da lei que oficialmente aboliu o sistema escravagista no Brasil, tecendo as relações entre a agenda do Movimento Negro e a dinâmica da criação da identidade negra dentro das redes que se configuram nas escolas de samba, sem negar a pluralidade de visões sobre esta temática nas agremiações. Para o autor, nos tempos atuais, considerando os avanços a partir da promulgação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, as quais tornaram obrigatório, nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, e o Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, o estudo dessa linguagem artística, o desfile das escolas de samba pode representar uma contribuição com a efetivação dos propósitos estabelecidos nestas leis: promover reais condições de inserção dos cidadãos afro-brasileiros em todos os segmentos da vida nacional.



No sexto capítulo, Ricardo José de Oliveira Barbieri foca nas relações entre lugar e escola de samba a partir de um estudo de caso na cidade de Manaus, cujo carnaval é suntuoso como a arquitetura da sua pista de desfiles (com a maior capacidade de público do Brasil), e popular, como comprova a capacidade de público do local. Tendo como lugar a escola de samba Reino Unido da Liberdade e sua inserção em um estigmatizado bairro da cidade, o autor destaca que o espaço reúne pessoas de diferentes estratos da sociedade manauara, as quais compartilham do sentimento de resistência proposto pela escola, colaborando na propagação de outro olhar, outra forma de representar o Morro da Liberdade frente à cidade.

No sétimo capítulo, direciona-se para o Festival Folclórico de Parintins. Cássio Lopes da Cruz Novo e João Gustavo Martins Melo de Sousa adotam uma abordagem de caráter geográfico interdisciplinar com elementos dos estudos da religião em sua espacialidade e as abordagens visuais do espaço. Para os autores, o local de desfile (conhecido como Bumbódromo) reveste-se de caráter territorial e as relações com os participantes do Festival Folclórico de Parintins o transformam em um geossímbolo, impregnado das culturas expressas no espaço, marcando sua paisagem a partir dos valores, crenças e religiosidades. Observando os itens “ritual” e “pajé”, quesitos julgados no concurso, os autores refletem acerca da importância dos simbolismos e dos significados ali reunidos, no tempo festivo, como estratégias étnicas de sobrevivência física e imaterial de um grupo cultural.

O oitavo capítulo escrito por Amanda Moura Souto e Matheus Silva Freitas abordam os Congados como espaços negros, considerando o caráter territorial das cidades desvelado através do estudo das relações étnico-raciais. Para os autores, a exclusão racial influencia nas interações que ocorrem em diferentes espacialidades e que os Congados inscrevem através da performance um ambiente de afirmação da negritude e de evocação de “afrografias da memória” nas cidades.

No último capítulo do livro, Bruno Ricardo Vasconcelos trabalha a questão étnica a partir da construção da Igreja do Divino Espírito Santo do Cerrado, através da equiparação de pertencimentos religiosos e do estabelecimento de relações e intercâmbios com outros grupos, sendo invenções, mas não arbitrarias e com causas históricas para a construção intencional deste coletivo. A igreja não se limita à missa e a comunidade que ali se reúne faz festa e encontra seus laços de sociabilidade não apenas no comungar do corpo de Cristo, mas no próprio ato de ser parte do processo construtivo deste templo transformado em ecumênico.

O livro pode ser acessado gratuitamente através do link <https://www.pimentacultural.com/festa-memoria>

Referências

APPADURAI, Arjun. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ARAÚJO, Ari. “As escolas de samba: um episódio antropofágico”. In: ARAÚJO, Ari; HERD, Erika Fraziska. *Expressões da cultura*



popular: as escolas de samba e o amigo da madrugada. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Instituto Estadual do Livro, 1978, p. 1-101.

CANDEIA FILHO, Antônio; ARAÚJO, Isnard. *Escola de samba: árvore que esqueceu a raiz*. Rio de Janeiro: Lidador; Secretaria Estadual de Educação e Cultura, 1978.

COMAROFF, John Loinel; COMAROFF, Jean. *Etnicidad S.A.*. Buenos Aires: Katz, 2011.

FERREIRA, Júlio César Valente Ferreira. *Blocos de enredo: seu lugar e seus significados na configuração do carnaval carioca*. Tese (Programa de Pós-Graduação em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

HALBWACHS, Maurice. *Los marcos sociales de la memoria*. Barcelona: Anthropos Editorial; Concepción: Universidade de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

PEREZ, Léa Freitas. “Festa para além da festa”. In: PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania (Orgs.). *Festa como perspectiva e em perspectiva*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 21-42.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RODRIGUES, Ana Maria. *Samba negro, espoliação branca*. São Paulo: Hucitec, 1984.